

LINGUASAGEM

LINGUAGEM E TECNOLOGIAS¹

Entrevista com Marcelo El Khouri Buzato²

RESUMO

Nesta entrevista, o professor Marcelo El Khouri Buzato, coordenador do Grupo de Trabalho (GT) de *Linguagem e Tecnologias* da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), aborda os desafios e as conquistas mais recentes das pesquisas dedicadas aos temas concernentes às novas tecnologias digitais de produção, circulação e recepção dos textos, em especial no âmbito do ensino de línguas, que implica entre outras coisas, a recente disponibilização de ferramentas de Inteligência Artificial. Para o professor Buzato, é urgente admitir o caráter experimental e em grande medida sem regulação dessa difusão em geral eufórica do caráter revolucionário da incorporação de recursos de I.A.s atualmente disponíveis. É o que os membros do GT em que ele atua têm se empenhado a discutir em suas pesquisas e encontros, além da discussão da necessidade de ampliarem as formas de divulgação científica dessas suas pesquisas junto a públicos mais amplos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Tecnologias Digitais; Divulgação Científica.

ABSTRACT

In this interview, Professor Marcelo El Khouri Buzato, coordinator of the Working Group (WG) on *Language and Technologies* of the *National Association of Graduate Studies and Research in Languages and Linguistics* (ANPOLL), addresses the challenges and most recent achievements of research dedicated to themes concerning the new digital technologies of production, circulation and reception of texts, especially in the context of language teaching, which implies, among others, the recent availability of Artificial Intelligence tools. For Professor Buzato, it is urgent to admit the experimental and mostly unregulated character of this generally euphoric diffusion of the revolutionary character of the incorporation of AI resources currently available. This is what the members of the WG in which he works have been striving in their work, especially regarding the need to expand the forms of scientific dissemination to wider audiences.

KEYWORDS: Language; Digital Technologies; Scientific Dissemination.

¹ Entrevista concedida em dezembro de 2023, de forma remota, como atividade das disciplinas Laboratório 6 e 7 da *Ênfase II - Textos: Meios e Materiais Instrucionais*. A equipe responsável pela produção, transcrição, retextualização e revisão desta entrevista foi composta por Beatriz Morgon, Camilla de Oliveira Rico, Gabriela Pinheiro de Oliveira, Giovanna Costa de Oliveira e Rafaela Quersi, discentes do curso de Bacharelado em Linguística, e Luzmara Curcino, docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (DL/PPGL/UFSCar).

² Bacharel em Letras pela PUC São Paulo (1995), Mestre (2001) e Doutor (2007) em Linguística Aplicada pela Unicamp, com estágio pós-doutoral na Universidade da Califórnia em San Diego (2015-2016). É Professor livre-docente da Unicamp, membro do conselho editorial da Revista Brasileira de Linguística Aplicada e da revista *Trabalhos em Linguística Aplicada* entre outras, e atualmente coordena o GT Linguagem e Tecnologias da ANPOLL. Coordena o grupo de pesquisa Linguagem, Tecnologias e Pós-humanismo/humanidades, do CNPq. (Fonte: Plataforma Lattes). E-mail: mbuzato@unicamp.br.

Tecnologias e Linguagens: pesquisas na área

Entrevistadoras: O professor coordena o Grupo de Trabalho (GT) *Linguagens e Tecnologias* junto à *Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística* (ANPOLL). Poderia nos apresentar brevemente o contexto de criação do GT e quais são os principais temas de pesquisa de seus membros?

Marcelo El Khouri Buzato: O GT foi criado há vários anos, mais precisamente em 2010, por iniciativa de dois professores e pesquisadores da área de Linguística Aplicada, a professora Vera Menezes, da *Universidade Federal de Minas Gerais* (UFMG), e o professor Júlio César Araújo, da *Universidade Federal do Ceará* (UFC). Todo estudante que tenha tido disciplina ou que estude temas relacionados à área de Linguística Aplicada muito provavelmente reconhece esses dois nomes, por sua significativa produção. Fundaram este GT, em diálogo com o professor Wilson Leffa, da Universidade Católica de Pelotas, e com diversos outros colegas desta mesma área em todo o Brasil.

A Linguística Aplicada abrange um rol diversificado de temas e campos. Essa amplitude levou vários professores, que antes participavam do GT de *Linguística Aplicada*, a proporem um GT mais específico, o de *Linguagem e Tecnologias*, dedicado especialmente ao papel das tecnologias nos estudos da linguagem e no ensino de línguas. Inicialmente, o foco principal deste novo GT foi o CALL (*Computer Assisted Language Learning*), ou seja, os estudos voltados para as aplicações de tecnologias para o ensino de língua materna e estrangeira. Ao longo do tempo, o GT atraiu membros que trabalham em outras áreas além do ensino de línguas, o que permitiu uma diversificação das pesquisas que atualmente se vinculam ao GT.

Uma primeira onda de novos participantes e tópicos de pesquisa emergiu, concentrando-se no uso de telefones celulares e seus possíveis e variados usos e impactos nos estudos linguísticos. Posteriormente, contamos com projetos voltados para as mídias sociais emergentes à época, como o *Orkut* e outras redes sociais. Nessa fase, importantes professores das áreas de comunicação se uniram aos departamentos de Linguística Aplicada nas mais diversas instituições de modo a discutirem temas e interesses de pesquisa em comum. Cito a Profa. Raquel Recuero, da Universidade Federal de Pelotas e o Prof. Rodrigo Lima Lopes, da Unicamp, nesse rol.

Outro projeto conduzido pelo GT dedicou-se, mais recentemente, ao estudo das *desvirtualidades virtuais*, examinando as promessas revolucionárias do digital e as

distorções decorrentes de seus usos, especialmente em relação ao ensino, à justiça social e à democratização do país, com ênfase nos processos que vinham se desenrolando no contexto das mídias sociais. Durante dois anos, o grupo buscou discernir o que haveria de fato de verdadeiro e promissor por trás dessas aspirações de democratização do digital, com destaque para a problemática do papel exercido pelas bolhas na *internet*, pela violência semiótica nas interlocuções e pelas *fake news* na política. Discutiu-se amplamente a grande capacidade da extrema direita de mobilização dessas tecnologias na formação de grupos, na disseminação de discursos de ódio, no forte apelo à desinformação e na difusão de *fake news*, o que rendeu a este segmento político grandes conquistas e, conseqüentemente, muitos prejuízos para a sociedade.

Em seguida, mais recentemente, o GT se propôs a aprofundar as discussões sobre os avanços da IA (Inteligência Artificial), e o que isso implica em termos éticos quanto ao uso de dados discursivos, metadados, e o quanto seus usos podem afetar a organização dos discursos na sociedade e as práticas de leitura e escrita que conhecemos e exercemos.

Temos, portanto, atualmente, explorado esse tema da IA como eixo central das pesquisas de nossos membros, que se colocaram desde então para pensar o quanto essa questão tecnológica pode ter impacto em suas áreas, o quanto a ascensão da IA impõe um novo paradigma de mediatização na sociedade, uma vez que implica a produção dos textos, a conversão de linguagens, as técnicas de tradução, de sumarização e também de ludicização da linguagem mediada por tecnologia, entre outros temas. Ainda nesse âmbito, no encontro do GT em novembro de 2024, percebemos uma ampla diversificação das pesquisas do grupo, em função, certamente, das diversas linhas de aplicação de IA que vem sendo rapidamente desenvolvidas em vários âmbitos da sociedade.

Os membros vêm se preocupando, por exemplo, com a falta de políticas acadêmicas, e mesmo de conhecimento das instâncias universitárias, quanto ao uso de IA pelos alunos e docentes. Vem também investigando os potenciais e os limites do uso de IA na produção de materiais didáticos, na assistência a práticas de curadoria digital, e, ainda em como a IA está penetrando o imaginário dos professores e alunos sobre o futuro da educação. Muitos trabalhos também vêm abordando o uso de IA na produção de escrita acadêmica e publicações científicas, e, finalmente, os novos problemas metodológicos envolvidos nos estudos de interação entre humanos e máquinas e entre IA e sociedade como um todo.

A escolha desse tema reflete sua enorme relevância social, despertando fascínio, tanto pelas promessas de desenvolvimento quanto por suas potenciais ameaças. Tanto

uma quanto a outra muitas vezes fantasiosas. O GT tem buscado abordar criticamente essas questões, tratando de informações técnicas relevantes para estudar os impactos da IA com propriedade científica e evitar interpretações equivocadas, como as que frequentemente encontramos na mídia.

Entrevistadoras: Quando e por que se interessou, em suas pesquisas, pela relação da linguagem com as tecnologias e a que aspectos dessa relação o professor tem se detido em seus trabalhos?

Marcelo El Khouri Buzato: Minha trajetória assemelha-se à do GT, embora seja um pouco mais antiga. Concluí meu Mestrado em 2001. Minha dissertação foi a primeira da Unicamp, e possivelmente do Brasil, a abordar o que hoje chamamos de *letramento digital*, denominado na época de letramento eletrônico. Minha pesquisa dedicou-se ao uso de computadores para o ensino de língua estrangeira nas escolas, abordando a disponibilidade dessas tecnologias naquele momento. À época, o buscador de que me vali foi o do *Yahoo*, dada a inexistência do *Google* até então. No Doutorado, expandi meu escopo para uma pesquisa sobre inclusão digital, o que excedia o campo da educação e do ensino de línguas.

Nessa fase, abordei a apropriação dessas tecnologias mais recentes sob o prisma da relação entre desigualdades sociais e diferenças culturais, focalizando apropriações das tecnologias digitais por parte dos grupos sociais e contextos de letramento específicos. Ao longo desse percurso, questioneei a ideia de inclusão que mais parecia a de uniformização, e defendi o direito das pessoas de escolherem não utilizar a *internet* na escola, se assim desejassem. Investigando comunidades periféricas, telecentros em favelas e outros locais, constatei que as expectativas de transformação de vidas por meio da tecnologia nem sempre se concretizavam. Na pesquisa, observei contradições entre inclusão e exclusão, evidenciando as complexidades do processo. Hoje ficou muito mais claro que o que chamamos de exclusão social também passa pela conexão ampliada das relações entre grupos sociais, inclusive que os algoritmos podem ajudar a ampliar a tensão no sentido de um grupo querer excluir o outro do direito de definir democraticamente o que se quer para o país.

Posteriormente, minha pesquisa direcionou-se para a compreensão do papel de elementos não humanos, como *softwares*, celulares, computadores e sistemas técnicos em seu impacto nas interações entre humanos. Recentemente, adentrei no campo

interdisciplinar do pós-humanismo, reexaminando a ideia tradicional de ser humano presente no campo das humanidades diante das complexidades da relação entre nós humanos e nossas tecnologias digitais *incorporadas*, sempre ativas em nossas práticas. A inserção na temática do pós-humanismo permitiu-me abordar questões sociais mais amplas, questionando o antropocentrismo e reconhecendo a agência de algoritmos e máquinas nas dinâmicas sociocognitivas coletivas, inclusive na esfera política.

Dessa forma, a Inteligência Artificial tornou-se central em meu estudo, no qual passei a identificar o quanto os vieses humanos podem ser incorporados por essas tecnologias e quais são suas repercussões na sociedade, especialmente no que diz respeito à linguagem e ao discurso. Minha abordagem concentra-se, portanto, na análise da relação humana, social, com as máquinas, explorando o modo como tratamos esses dispositivos como entidades quase humanas, e as consequências que disso derivam. Minha trajetória, embora atípica para a Linguística Aplicada, destaca a importância de se compreender as interações complexas entre sociedade, tecnologia e linguagem.

Entrevistadoras: Nos avanços sensíveis nessa área, e no quanto a linguagem é central na forma como têm se expandido os feitos da IA, o professor acredita haver mais ou menos benefícios, mais ou menos riscos?

Marcelo El Khouri Buzato: No atual panorama tecnológico, linguístico e cultural, testemunhamos uma evidente fragilidade, e mais do que isso, vivenciamos a nocividade das epistemologias vigentes sobre o humano. De minha parte, tenho buscado dialogar e questionar frequentemente os cientistas da computação sobre a utilização do computador como meio de inclusão digital, num cenário em que ainda não se vislumbrou efetivamente que essa compreensão exige uma abordagem interdisciplinar significativa. A relação entre teoria e prática, central na interação entre Linguística e Linguística Aplicada, nos leva a reconhecer a importância de se buscar, na prática, teorias relevantes para as questões específicas e situadas que enfrentamos.

No GT, cada vez mais temos tido a clareza sobre a necessidade de conhecer e dialogar com perspectivas externas para enriquecer nossas bases e renovar nossas abordagens. Consequentemente, no *Centro de Pesquisa em Pós-humanismo e Humanidades Digitais*, que eu e o Prof. Rodrigo Lima Lopes fundamos na Unicamp, temos ampliado a interlocução com profissionais de diversas áreas, como das Ciências da Tecnologia, da Computação, da Psicologia, das Artes e do Direito Digital, visando

ampliar nossas discussões e fortalecer nossas pesquisas no contexto aplicado da linguagem.

Entrevistadoras: Como as formas atuais de exploração da Inteligência Artificial e outras tecnologias digitais podem impactar o ensino, a educação, o aprendizado de modo geral?

Marcelo El Khouri Buzato: Ainda nos encontramos em um momento de busca generalizada por compreensão desse contexto tecnológico, linguístico e cultural. A metáfora do impacto, de que me vali em meu Mestrado, persiste como referência, embora seja claro hoje que as tecnologias não são coisas externas que *caem* sobre nós, mas emaranhamentos de fatos científicos com domínios culturais, interesses econômicos, afetos humanos etc. As interações com computadores, com a *internet*, com as mídias sociais, e agora com o *ChatGPT*, são complexas e também repletas de conflitos, como já tínhamos visto em relação aos equívocos entre plágio e *remix*, sendo que nenhum desses dois conceitos abrange, agora, o que chamamos de texto generativo de IA. Professores, artistas e a sociedade em geral enfrentam desafios de diversas ordens, entre os quais os relacionados a questões de propriedade intelectual, de autoria.

A meu ver, o mais fundamental é que a sociedade necessita de maior esclarecimento sobre o funcionamento dessas tecnologias. No entanto, percebo um desconhecimento generalizado devido a sua opacidade, reconhecida inclusive entre os próprios desenvolvedores dessas tecnologias. Elas têm funcionado como experimentos abertos na sociedade, o que faz com que seja prematuro afirmar, por exemplo, que o *ChatGPT* revolucionará a educação, tal como se tem ouvido por aí. A compreensão dessas tecnologias deve preceder expectativas infundadas. Minha abordagem atual é crítica, não no sentido da mera rejeição, mas da necessidade de responsabilidade e de compreensão do alcance e limites dessas tecnologias. Devemos reconhecer que as tecnologias não possuem propriedades que muitas vezes lhes são atribuídas. A opacidade dessas tecnologias instiga à reflexão e à consciência sobre suas limitações, evitando expectativas irreais.

Ao abordar a educação, destaco a importância de se considerar questões mais relevantes, como a do colonialismo de dados, ou aquela ligada à reflexão sobre a autoria e o direito à privacidade, em vez de focar prematuramente em tópicos específicos para aplicação, como, por exemplo, o ensino de gêneros acadêmicos ou o repasse da função de criação de material didático às IAs. A discussão sobre o impacto dessas tecnologias na

educação deve envolver a participação ativa dos pesquisadores e da sociedade na formação e regulamentação dessas tecnologias.

A luta pelos direitos das comunidades sobre seus próprios dados é crucial. É urgente a criação de projetos de lei que abordem a responsabilidade das *Big Techs* na difusão de desinformação, por exemplo. A discussão sobre políticas educacionais relacionadas à inteligência artificial deve ir além do uso dessas tecnologias como mera ferramenta. É preciso reconhecer a transformação paradigmática que elas representam hoje. Enfrentamos desafios na compreensão do funcionamento dessas tecnologias e especialmente da regulamentação de seus usos, sendo essencial considerarmos sua influência social e a série de efeitos potenciais de que dispõem.

A discussão sobre a inteligência artificial na educação exige, portanto, uma abordagem crítica e responsável, indo além de estereótipos e envolvendo esforços coletivos para definir políticas e práticas educacionais adequadas.

Entrevistadoras: Sem dúvida, o GT *Linguagem e Tecnologias* têm muito a contribuir nessa seara, tendo em vista a centralidade das pesquisas realizadas por seus membros quanto a essa discussão atual e necessária sobre as novas tecnologias digitais e sua incidência em muitos campos da vida social. Que ações o GT têm adotado para divulgar os avanços desses estudos?

Marcelo El Khouri Buzato: O GT recentemente realizou uma autocrítica, reconhecendo a falta de iniciativas direcionadas à divulgação científica e cultural, de forma ampla e consequente. Apesar das ações coletivas em âmbito acadêmico, como a de organização de números temáticos de periódicos e a organização de livros cujos capítulos derivam de pesquisas conjuntas na área e nesses temas prioritários, os membros do GT têm reconhecido a necessidade de alcançar um público mais amplo. O nosso objetivo tem sido este, o de encontrarmos caminhos práticos para a divulgação científica diante, obviamente, dos desafios reais enfrentados pelos pesquisadores para assumirem mais esta atividade.

A complexidade de realizar pesquisas, obter financiamento e prestar contas a diferentes instâncias dificulta a dedicação diária à alimentação constante de mídias sociais com resultados das pesquisas apresentados em formatos acessíveis. Entre as alternativas que têm sido consideradas pelos membros do GT se destacam a criação de *blogs* científicos, *podcasts* e projetos de extensão junto a diversas comunidades. O GT

Linguagem e Tecnologias conta com pesquisadores de diferentes regiões do país, que atuam em diversas universidades, e assumem enfoques variados quanto a seus temas centrais de pesquisa que vão desde a formação de professores, passando pela discussão de direitos digitais, até as formas de inovação na pesquisa linguística.

O impacto social dessas pesquisas do GT é mais evidente no âmbito educacional, abrangendo desde a formação de professores até a participação na formulação de currículos de redes federais estaduais e municipais.

A divulgação científica e a as atividades de extensão tornaram-se compromissos prioritários do GT nestes últimos anos, visando não apenas as ações de compartilhamento de descobertas com estudantes, mas também visando atingir um público mais amplo. Incentivar a produção de *podcasts* pelos colegas e retomar o projeto de um *blog* que integre mídias sociais são estratégias para alcançar esse objetivo.

Ao sistematizar, discutir e refletir sobre informações diversas nesse campo das tecnologias relacionadas às linguagens, e contextualizar essas informações, o GT pode fornecer subsídios para que as comunidades possam compreender e resolver questões locais ligadas ao tema. A intenção é ultrapassarmos essa prática comum de se consultar cientistas da computação sobre mudanças na educação. É preciso que nós, estudiosos da linguagem e da educação, sejamos mais ouvidos e conhecidos, de modo a promovermos uma compreensão mais ampla e contextualizada da influência da pesquisa aplicada em linguística e comunicação nas práticas educacionais.

Entrevistadoras: Como sociedade e como estudiosos da linguagem, então, temos muito trabalho pela frente?

Marcelo El Khouri Buzato: Sem dúvida. Idealmente, deveríamos colaborar com as comunidades que foram objeto de nossas pesquisas. Um aspecto frequentemente negligenciado é que o significativo avanço na inteligência artificial está intrinsecamente ligado ao *crowdsourcing*. A formação desses modelos de linguagem resultou da contribuição coletiva, como o modelo do qual deriva a escrita de artigos na *Wikipedia* e na interação em redes sociais. Portanto, embora a pesquisa em Inteligência Artificial seja em grande parte aberta, sua abertura muitas vezes permanece obscura. Seria altamente benéfico envolver pessoas, especialmente professores, para colaborarem e desempenharem um papel ativo na pesquisa desse tema. Essa discussão vai além da

simples divulgação cultural, mas segue na mesma direção. Temos, portanto, muito trabalho e desafios a enfrentar conjuntamente.

Como referenciar esta entrevista:

BUZATO, Marcelo El Khouri. Fonética Forense: estudos, aplicação e divulgação. [Entrevista concedida a] Beatriz Morgon, Camilla de Oliveira Rico, Gabriela Pinheiro de Oliveira, Giovanna Costa de Oliveira, Luzmara Curcino e Rafaela Quersi. **revista Linguagem**, São Carlos, v.47, n.1, p. 119-127, 2024.